

RESENHA AVALIATIVA

ANÁLISE DO PAPEL MEDIADOR DA RESILIÊNCIA NA RELAÇÃO ENTRE APOIO SOCIAL E BURNOUT EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS²

ANALYSIS OF THE MEDIATING ROLE OF RESILIENCE IN THE RELATIONSHIP BETWEEN SOCIAL SUPPORT AND BURNOUT IN UNIVERSITY STUDENTS

ANÁLISIS DEL PAPEL MEDIADOR DE LA RESILIENCIA EN LA RELACIÓN ENTRE EL APOYO SOCIAL Y EL AGOTAMIENTO EN ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

Rosana Aparecida Ferreira Pontes¹
 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9215-7248>
 <rosana.pontes@unisantos.br>

¹Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). Santos, SP, Brasil.

INTRODUÇÃO

O movimento mundial Ciência Aberta (*Open Science*) tem por objetivo principal tornar o conhecimento científico aberto e compartilhado com a comunidade científica de diferentes países e para toda a sociedade. Em consonância, o periódico científico *Educação em Revista* da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), conceito Qualis A1, adota ações para a prática científica colaborativa, compartilhada e pública, dentre as quais a política de avaliação por pares aberta, em que autores e avaliadores têm suas identidades reveladas e a possibilidade de se reunirem para discutir o trabalho submetido para publicação.

Como uma das avaliadoras convidadas da Revista, tive a oportunidade de participar de um encontro online com autores, em que pudemos apresentar nossos pareceres, contribuindo de forma colaborativa e respeitosa com indicações para ajustes do texto e consequente melhoria da qualidade da comunicação científica. Em decorrência, a partir da avaliação do manuscrito original e da experiência vivenciada nesse encontro, apresento minhas reflexões sobre o artigo em tela, cujos autores³ são pesquisadores da área da Saúde. É justamente por meio do diálogo interdisciplinar que o texto avaliado se insere no campo educacional.

Os autores do texto introduzem a discussão proposta, problematizando a condição dos estudantes que iniciam o Ensino Superior e enfrentam inúmeros desafios, em virtude das altas demandas

² Editora participante do processo de avaliação por pares aberta: Suzana dos Santos Gomes

³ GIANJACOMO, Telma Regina Fares (UEL); RODRIGES, Renne (UFFS); GUIDONI, Camilo Molino (UEL); GIROTTTO, Emarlon (UEL).

acadêmicas. Condição que caracteriza uma sobrecarga elevada tanto física quanto emocional que pode levá-los a um profundo esgotamento, conhecido como síndrome de *burnout*, causa provável de evasões dos cursos de graduação. Como solução, evidenciam o suporte social, de modo que haja um maior envolvimento acadêmico e o aumento da resiliência desses sujeitos. Nessa perspectiva, conceituam o suporte social como “o cuidado, apoio e assistência de familiares, amigos ou comunidade, que pode fortalecer jovens para processar o estresse”. Definem resiliência como “uma característica que reflete a capacidade dos indivíduos de lidar ativamente com as adversidades e se recuperar rapidamente, adaptando-se de forma saudável a desafios, estresse ou traumas”, incluindo atributos de “suporte social, recuperação, enfrentamento ou adaptação, autodeterminação e perspectivas positivas”. A partir desses pressupostos, o objetivo do estudo foi “avaliar o papel mediador da resiliência no efeito do suporte social e a relação com o *burnout* acadêmico de estudantes universitários”. Vale destacar que o artigo discutido é composto por duas seções: métodos e discussão.

Após esta breve introdução do artigo, que foi devidamente apresentado por seus autores durante a reunião online mencionada, esta resenha avaliativa tem o propósito de ampliar as reflexões sobre a leitura realizada, dialogando com o texto, a partir de dois tópicos: considerações sobre os métodos e o papel mediador da resiliência na Educação.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MÉTODOS

A pesquisa realizada na Universidade Estadual de Londrina (UEL), com 12.536 estudantes, em 2019, é comunicada na primeira seção do artigo em tela, intitulada *métodos*. O primeiro subtítulo apresenta o *delineamento da pesquisa* da seguinte forma: “[...] estudo epidemiológico, observacional, individuado e de delineamento transversal, parte do projeto de pesquisa intitulado GraduaUEL: Análise da Saúde e Hábitos de Vida dos Estudantes de Graduação da Universidade Estadual de Londrina”.

Por se tratar de uma submissão para publicação em uma Revista da área da Educação, senti falta de uma introdução, situando epistemologicamente a abordagem metodológica, oferecendo uma explicação mais detalhada sobre esse tipo de estudo. Para compreender melhor, procurei esclarecimento em Rozin (2020). A Epidemiologia é a ciência que estuda a distribuição e os determinantes dos problemas de saúde em populações. Com tal propósito, busca compreender por que e como as doenças se espalham em grupos de pessoas, identificando os fatores que influenciam essa distribuição. Alguns métodos e técnicas são utilizados de forma integrada com outras áreas: Estatística, Ciências da Saúde e Ciências Sociais. Desse modo, foi possível depreender que a síndrome de *burnout* é considerada uma epidemia, na área acadêmica, que se dissemina não apenas entre professores, mas também entre os estudantes. Como tal, precisa ser investigada e enfrentada de forma apropriada. Daí, justifica-se a realização de um estudo epidemiológico e consequente publicação no meio educacional.

Ainda conforme Rozin (2020), foi possível compreender que um *estudo epidemiológico* é uma investigação que busca entender a distribuição e os determinantes de doenças ou condições de saúde em uma população, respondendo perguntas como: quem adocece, onde, quando e por quê. É *observacional*, quando os pesquisadores apenas observam os eventos, sem interferir neles. *Individuado* indica que a unidade de análise é o indivíduo. *Transversal* significa que a coleta de dados ocorre em um único momento no tempo, como se fosse uma fotografia da realidade. Somente após essas explicações, ausentes no texto em apreço, que o leitor da área da Educação consegue adentrar no detalhamento quantitativo da pesquisa.

Após o *delineamento do estudo*, a seção referida prossegue, apresentando: *população e local do estudo; instrumento de coleta de dados*, qual seja o questionário online, considerado válido para estudos epidemiológicos; *o pré-teste e o estudo piloto*; e esclarecimentos sobre a *coleta de dados*.

Na sequência, são expostas *as variáveis do estudo*. Por meio de definições estatísticas, os autores do estudo, com base em parâmetros internacionais – o questionário *Copenhagen Inventory Burnout* (CBI-S) e a escala de apoio Social (MOS-SSS) –, apresentam como variável dependente a exaustão acadêmica. Logo, é o *burnout* que está sendo testado e pode ser influenciado pela variável independente, que é o apoio social. Isso porque o *burnout* pode ser maior ou menor, dependendo da quantidade e da qualidade do apoio social que o estudante receber. A resiliência surge como uma terceira variável hipotética mediadora, que serve para esclarecer a relação de dependência entre *burnout* e apoio social, pois ao mesmo tempo em que a resiliência pode ser influenciada e fortalecida pelo apoio social, pode influenciar o *burnout*,

amenizando os efeitos de esgotamento sentidos pelos estudantes. As correlações entre as variáveis independente, mediadora e dependente são demonstradas em dois modelos teóricos (figuras 1 e 2), sob o subtítulo *processamento de análise de dados*. Sendo assim, é possível inferir que são as complexas (co)relações entre essas variáveis que dão título ao artigo destacado: *Análise do papel mediador da resiliência na relação entre apoio social e burnout em estudantes universitários*.

Os resultados da pesquisa são demonstrados quantitativamente, por meio do *fluxograma da população participante no estudo* (figura 3); pelas *características descritivas da amostra do estudo* (tabela 1); pela *tabela da média, desvio padrão (DP) e correlação de Spearman entre as variáveis independente, mediadora e dependente* (tabela 2) e pela *representação visual do modelo estrutural: papel mediador da resiliência no efeito do apoio social material com o burnout total* (figura 4).

A título de reflexão sobre o que os autores descrevem como “métodos”, avalio que o detalhamento do estudo quantitativo é preciso, traz contribuições da área da Estatística, evidenciando a combinação de instrumentos de pesquisa reconhecidos na área da Saúde. O que valida os resultados e oferece confiabilidade à divulgação da pesquisa tanto para a área de origem quanto para a área da Educação. Contudo, ponderando que se trata de uma proposta de publicação na *Educação em Revista*, considero que há necessidade de se estabelecer um diálogo interdisciplinar mais qualitativo. Isso implica que o artigo em discussão promova a comunicação e a colaboração entre as áreas do conhecimento envolvidas, a fim de solucionar ou minimizar um problema complexo comum que é a síndrome de *burnout* acadêmico e suas consequências para os sujeitos e as Instituições de Educação Superior (IES) em geral.

Os “métodos” apresentados são todos quantitativos, contudo os elementos analisados – *burnout*, apoio social e resiliência – são de natureza ontológica, portanto exigem uma abordagem qualitativa que precisa ser mais realçada pelo texto. Por essa razão, a apresentação dos métodos – ou procedimentos de pesquisa –, conforme fui pontuando neste primeiro tópico, requer maior detalhamento e explicações que, para a área de origem da pesquisa, possam parecer desnecessárias.

Refiro-me, portanto, a um exercício atento de diálogo. Apoio-me em Freire (1983) para enfatizar que o diálogo precisa ser feito de comunicação plena e, assim, fundar as ações de colaboração entre os sujeitos que buscam compartilhar conhecimentos. Freire (1983) nos lembra que a relação de conhecimento (gnosiológica) não está reduzida à relação sujeito-objeto. Há uma coparticipação dos sujeitos no ato de conhecer por meio da comunicação, sendo o objeto de estudo o mediador dessa relação. É nesse sentido que sugiro que o texto se aproxime mais dos leitores que não sejam oriundos da área da Saúde.

O PAPEL MEDIADOR DA RESILIÊNCIA NA EDUCAÇÃO

Na segunda seção do artigo, intitulada “discussão”, é apresentada a análise dos achados da pesquisa. Os autores do artigo referido ratificam o que foi exposto quantitativamente, enfatizando os efeitos positivos da rede de apoio social, formada pela IES e pela família, no sentido de aumentar a resiliência dos estudantes e combater o *burnout* acadêmico. Por fim, oferecem recomendações voltadas para a criação de estratégias que aumentem o suporte acadêmico aos estudantes, fortalecendo-os, tornando-os mais resilientes no enfrentamento das demandas da vida e, em específico, do contexto da Educação Superior.

Sobre o papel mediador da resiliência, vale refletir sobre a origem desse conceito e o seu surgimento como uma competência socioemocional, na área da Educação, bem como sua supervalorização, tomando como exemplos a influência empresarial na educação e o advento da pandemia da Covid-19.

A maior parte da bibliografia sobre resiliência é advinda da área da Psicologia, em tentativas de conceituação e formas de medição dessa característica psicológica humana. A explicação mais consensual é que o termo tem origem no âmbito da Física e da Engenharia, significando a propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original, após terem sofrido uma deformação elástica. No Brasil, os primeiros estudos sobre resiliência psicológica surgiram no final dos anos 1990. Souza e Cerveny (2006) explicam que, inicialmente, o conceito de resiliência foi definido como resultado de traços de personalidade e capacidades que tornavam as pessoas resistentes, no enfrentamento de experiências traumáticas. Mais adiante, resiliência passou a ser compreendida como um conjunto de competências e

habilidades na realização de atividades, como o desempenho acadêmico, profissional e de parentalização na vida adulta. Atualmente, os estudos englobam múltiplas áreas do conhecimento e indivíduos nas mais diversas situações de risco. Segundo Angst (2009, p.255), os estudos sobre resiliência englobam áreas como a espiritualidade, transtorno de déficit de atenção, hiperatividade, trabalhadores do chão da fábrica de indústrias montadoras de veículos e autopeças e professores. Considerando a data de publicação do estudo, destacamos que, na atualidade, a educação como um todo tem sido área para pesquisa sobre resiliência. Angst (2009) destaca que, embora a resiliência não seja um escudo de proteção contra todo e qualquer fator de risco, é uma importante capacidade de autodefesa desenvolvida pelo ser humano, frente a ameaças. Há fatores de proteção que são associados ao fortalecimento da resiliência, como relações parentais satisfatórias, autoimagem positiva, crença ou religião, disponibilidade de fontes de apoio social, como família, pessoas próximas etc.

Com base nessas definições, podemos afirmar que o sujeito não nasce resiliente, mas aprende a ser resiliente, conforme suas experiências pessoais e os apoios que receber. A partir desta afirmação, passamos a examinar como a resiliência, entendida como uma competência socioemocional, adentrou currículos, políticas educacionais e as ideias pedagógicas.

A resiliência passou a ocupar lugar de destaque nos discursos dos reformadores empresariais da educação, ou seja, grupos de empresários que concebem a educação como mercadoria e um meio para a consolidação do neoliberalismo, em nosso país. Freitas (2012) denuncia a influência de conglomerados financeiros – formados por empresários, institutos educacionais diversos, mídias, pesquisadores, políticos e outros – que interferem diretamente nas políticas educacionais e propagam as ideias de responsabilização dos professores pelo fracasso escolar; dos testes para avaliação dos resultados do ensino/aprendizagem; da meritocracia (com bônus aos melhores professores); das escolas *charter*⁴; da privatização por meio de bolsas de estudos concedidas pelo Estado, beneficiando escolas/IES particulares.

Em consonância, Freitas (2018) avalia que a resiliência é um argumento utilizado na defesa da reforma empresarial da educação como a “salvação” dos pobres. Argumenta que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) surge, no sentido de proteger os direitos dos alunos à aprendizagem, especialmente dos mais pobres, desde que esses pobres sejam resilientes. O autor referido destaca que esta é a tese neoliberal: “avança na vida quem tem oportunidade e luta duramente por ela” (Freitas, 2018, s/p). Assim, a BNCC constitui-se em uma receita neoliberal para ensinar, além das habilidades cognitivas, as competências socioemocionais, dentre elas a resiliência. Por trás dessa tese vazia, não há interesse nas causas estruturais da pobreza, tampouco em como vencê-las, o que importa é transformar os pobres resilientes em empreendedores, utilizando como exemplos um ou outro resiliente vencedor. Essa tese, afirma Freitas (2018), é confirmada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em seus inúmeros projetos de reforma educacional para países membros ou que almejam se tornarem membros, como o Brasil.

Já Krawczyk e Zan (2021) discutem a resiliência como um dilema social pós-pandemia. Afirmando que, no contexto da pandemia, a resiliência passou a ser defendida como uma competência a ser ensinada pela escola e cultivada por docentes, alunos e familiares, para o enfrentamento do “novo normal”. As autoras referidas trabalham com a hipótese de que o desenvolvimento das chamadas competências socioemocionais está articulado com o *design psicológico* do neoliberalismo, qual seja, um projeto voltado para a: “[...] a internalização de predisposições psicológicas visando à produção de um tipo de relação a si, aos outros e ao mundo guiada através da generalização de princípios empresariais de performance, de investimento, de rentabilidade, de posicionamento, para todos os meandros da vida [...]” (Safatle, 2020, p. 30, *apud* Krawczyk; Zan, 2021, p. 110). Nessa perspectiva, consideram que há uma “clara intencionalidade de despolitizar a vida social e psicologizar a economia e as relações de trabalho” (Krawczyk; Zan, 2021, p. 110) e, por conseguinte, a educação das novas gerações.

A título de argumento, Krawczyk e Zan (2021) citam a influência do Instituto Airton Senna (IAS) – um dos reformadores empresariais da educação, segundo Freitas (2012) – que, desde 2011, tem

⁴ As escolas charter são financiadas com fundos públicos, mas possuem gestão privada. Estão presentes em diversos países e são originárias dos EUA, onde representam uma parte significativa do sistema de ensino. No Brasil, há um aumento de propostas nesse sentido, por parte dos governos estaduais e municipais.

realizado consultorias, organizado fóruns, cursos e publicações voltadas para órgãos estaduais e municipais, com o objetivo de garantir que as competências socioemocionais sejam incorporadas aos currículos, de acordo com a BNCC. Segundo esses documentos curriculares, afirmam as autoras referidas, essas competências são utilizadas para fortalecer um processo de controle sobre as emoções e a empatia com o outro. Comparam-nas com a ideia de inteligência emocional, muito em voga nos anos 1990 nas escolas, com uma intencionalidade similar, evidenciando um projeto neoliberal de educação em curso, em que os sujeitos passam a atender um padrão desejável para o século XXI. Realçam que as competências socioemocionais podem ser utilizadas nas avaliações internacionais, como o PISA, para a comparação de performances dos alunos (OCDE, 2015, *apud* Krawczyk e Zan, 2021, p. 113). Sobre as avaliações, as autoras citadas ressaltam que: “os investimentos em técnicas de avaliação e mensuração desmembram a personalidade de um sujeito e o próprio sujeito em componentes isolados, para supostamente ‘descobrir’ a fórmula para a aprendizagem” (Krawczyk; Zan, 2021, p. 115).

Krawczyk e Zan (2021) avaliam que a resiliência tem ocupado um papel central dentre as demais competências socioemocionais. Especialmente, no contexto pandêmico, ela foi muito utilizada para tirar o foco das ações políticas malconduzidas e pouco eficazes no combate da pandemia, de modo a transferir as responsabilidades para a população que deveria aprender a ser resiliente e a lidar com a situação de calamidade, insalubridade, falta de vacinas, caos, abandono e morte, em confinamento, participando da escola online, mesmo em famílias com um único celular disponível. Os docentes, mais do que nunca, precisaram atuar com criatividade, capacidade de inovação e de adaptação, ou seja, colocar à prova suas competências socioemocionais. Enquanto isso, a narrativa oficial dos governos reforçava a aceitação de um “novo normal”, sem se comprometer com as transformações sociais necessárias e urgentes.

Os autores citados, neste tópico, ajudam-nos a refletir criticamente sobre o papel de mediação que a resiliência tem exercido nos contextos educacionais. Isso posto, retomo o artigo em apreço, com algumas questões em aberto: quais são os contextos sociais, políticos e institucionais que levaram os estudantes universitários pesquisados ao esgotamento acadêmico? Que demandas foram essas? De quais contextos socioculturais esses estudantes são oriundos? Que papéis mais relevantes algumas covariáveis, como situação conjugal e fonte de renda poderiam exercer? O apoio social e a resiliência poderiam mascarar outras possíveis soluções para o *burnout*? São questões que pedem uma análise mais contextualizada dos sujeitos e dos ambientes que os influenciam, bem como um olhar mais crítico e qualitativo para os dados estatísticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta resenha avaliativa discutiu o artigo, intitulado *Análise do papel mediador da resiliência na relação entre apoio social e burnout em estudantes universitários*, a ser publicado na *Educação em Revista*, com o objetivo de ampliar as reflexões sobre a leitura realizada, dialogando com o texto.

Minhas reflexões, como avaliadora convidada pela Revista e leitora oriunda da área da Educação, voltaram-se, primeiramente, para a forma como foram descritos os métodos, ressaltando a necessidade de maiores explicitações sobre a natureza epistemológica da pesquisa, os procedimentos de investigação e a análise quantitativa dos dados. Na sequência, ressaltei uma discussão crítica sobre o conceito de resiliência, presente na área da Educação, no sentido de levantar questionamentos que levem a uma análise mais contextualizada e qualitativa para os resultados da pesquisa.

Minha sugestão é que o texto aprofunde o diálogo interdisciplinar, de modo que a comunicação seja mais clara para os leitores que não são da área da Saúde. Para tanto, é necessário combinar características da pesquisa quantitativa com as da qualitativa e, assim, obter uma visão mais completa e profunda sobre o fenômeno estudado. A pesquisa quantitativa comunicada nos forneceu números e estatísticas, generalizando os resultados, e apontou possíveis soluções para o *burnout*. Por outro lado, uma discussão dos resultados mais qualitativa nos ajudaria a entender os porquês e os significados por trás dos dados. Ao combinar tais perspectivas, será possível construir um quadro mais rico e complexo do fenômeno em estudo, identificando tanto padrões gerais quanto pormenores individuais.

Por fim, pondero que o artigo apreciado traz estudo de relevância para a área da educação e, após ajustes recomendados pelas duas avaliadoras convidadas, poderá contribuir significativamente com a *Educação em Revista* e seus leitores.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Prefácio de Jacques Chonchol. 7^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93p.

FREITAS, Luiz Carlos de. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. In: **Educ. Soc.** Campinas, v. 33, n. 119, p. 379-404, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 22 set. 2024.

FREITAS, Luiz Carlos de. A BNCC e a “salvação” dos pobres. **Avaliação Educacional – Blog do Freitas**. Campinas, SP, 18 mar. 2018. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/author/freitaslc/>. Acesso em: 22 set. 2024.

KRAWCZYK, Nora; ZAN, Dirce. **Universidad, formación, políticas y prácticas**, *Florianópolis*, v. 15, n. 1, p. 106-128, 2021.

ROZIN, Leandro. Em tempos de COVID-19: um olhar para os estudos epidemiológicos observacionais. **Rev. Espaço para a Saúde**, v. 21, n. 1, p. 6-15, jul. 2020.

SOUZA, Marilza Terezinha Soares de; CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. Resiliência psicológica: revisão da literatura e análise da produção científica. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology [on line]**, v. 40, n. 1, p. 119-126, 2006.

Submetido: 26/09/2024

Aprovado: 26/09/2024